
Crítica à Estética da Linguagem Sonora: O podcast na constituição de subjetividades antropofágicas¹

Luan Correia Cunha SANTOS²
Lisiane machado AGUIAR³
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Que sentidos podemos construir em um ambiente comunicacional em que a produção de subjetividades são limitadas aos sujeitos de antemão? Que perspectivas estéticas podemos evocar para constituir uma alternativa às formas de comunicações sonoras padronizadas? Esses são alguns questionamentos deste artigo, que busca oferecer uma crítica aos padrões estéticos no processo de construção de produções sonoras. Buscamos compreender como é possível produzir um podcast antropofágico, analisando a atualização para a matriz sonora. Procuramos dar ênfase em um produto antropofágico capaz de articular subjetividades sonoras que ampliam as potencialidades estéticas, assim como, reforça um espaço de reconhecimento identitário de atores sociais envolvidos no processo de criação de diferentes linguagens sonoras.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica; Estética; Linguagem Sonora; Antropofagia; Podcast.

INTRODUÇÃO

Baseado no questionamento de Judith Butler: “Quem posso ser em um mundo tal que os sentidos e limites de qualquer sujeito são estabelecidos de antemão?” (2002, p. 171) é possível questionar: Como temos permitido múltiplas construções de subjetividades através de produções sonoras? E como a busca por essa multiplicidade tem um caráter de reconhecimento subjetivo através do processo de desconstrução da normatização de produções sonoras?

Para fazer uma compreensão crítica tomamos como ponto de partida a perspectiva que Butler (2002, 2015) apresenta a crítica como prática direcionada a algo normatizado. O exercício crítico desempenha um papel de policiamento das estruturas de poder ao tempo que não é capaz de, por si só, alterar esses alicerces. A crítica não busca refazer as leis, as morais, mas consegue dar visibilidade à determinadas práticas que são

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima, e-mail: luanjack@gmail.com.

³ Professora Dr^a do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima, e-mail: lisiaguiar@gmail.com

normatizadas (FOUCAULT, 1990). Ao questionar os limites que constituem a norma, buscamos repensar suas estruturas e assim, ampliar determinadas verdades que são impostas.

Em um mundo com tantas mudanças nas tecnologias de comunicação, podemos pensar nas formas de interação com o ecossistema social e os diferentes níveis de percepção da realidade e construção de subjetividades, será que temos olhado para a comunicação sonora através de um prisma alternativo? Estamos oferecendo novas possibilidades de construção de sentido para nós mesmos e para aqueles com quem nos comunicamos? Ou estamos apenas reproduzindo a mesma estética padronizada? Quais são limites do que nos é imposto, e como podemos oferecer uma alternativa a este?

Olhemos para a internet e todas as mudanças que esta possibilita. O texto não se restringiu à mesma forma, a linguagem escrita pôde repensar sua estética. O audiovisual conseguiu caminhos alternativos para suas narrativas, experimentou e ousou, também, em seu processo de formação e transmissão. O áudio, enquanto forma de narrativa segue o mesmo caminho, mas ainda nos parece pouco explorado, o que abre múltiplas possibilidades de criação de alternativas para suas produções. Podemos instigar um movimento de múltiplas construções de subjetividades? Podemos repensar nosso reconhecimento identitário a partir dessas transformações? Que sujeito sou eu, e que elementos da minha constituição são evocados em um processo inusual de criação?

São esses os questionamentos iniciais que nos fizeram pensar neste estudo sobre a linguagem sonora na comunicação a partir da perspectiva crítica, relacionado com a possibilidade de pensar uma mídia híbrida que oferecesse também uma alternativa estética à linguagem sonora é que tomamos como objeto problematizações acerca de um podcast antropofágico.

O movimento antropofágico, cunhado principalmente por Oswald de Andrade está inserido dentro do modernismo brasileiro e tinha como uma de suas intenções pensar a identidade do Brasil, uma república recém fundada e que passava por uma transformação econômica com a libertação dos escravos. A antropofagia cultural não apenas rompeu com uma linha de estudos científicos e produções artísticas estrangeiras, especialmente de origem europeia, que eram pautados na determinação das raças, como também tentou forjar uma identidade para o Brasil que se apresentava diferente do então conhecido (ATHIAS, 2007).

Em confluência a esse hibridismo podemos refletir sobre o podcast, que teve em sua criação a distribuição e produção de conteúdos sonoros a partir da ascensão da internet, possibilitando uma espécie de mídia híbrida formada pelas matrizes do áudio e das possibilidades das mídias digitais. O podcast, neste trabalho, nos auxilia a problematizar alternativas para o campo sonoro, enquanto a antropofagia nos permite pensar metodologicamente o processo de construção sonora e seu produto.

O podcast antropofágico se apresenta, neste trabalho, como uma metacrítica simultânea para a comunicação sonora e para a própria antropofagia cultural. O exercício crítico em torno da estética do objeto de estudo nos permite pensar a produção de subjetividades e sentidos para aqueles que têm acesso ao produto, mas principalmente, para os sujeitos que o produzem.

Por isso, voltamos a problematizar: o podcast antropofágico é um caminho para refletir criticamente a estética das produções sonoras? Para dar concretude ao exercício crítico, iremos analisar o conceito e execução do podcast antropofágico a partir da adaptação da obra de Mário de Andrade, *Macunaíma: herói sem caráter* para a linguagem podcast, sendo esta uma das obras que melhor sintetizam a antropofagia de Oswald de Andrade.

PERSPECTIVAS CRÍTICAS E METACRÍTICAS PARA A CONSTITUIÇÃO SONORA

Ao criar e executar o conceito de podcast antropofágico, fazemos assim uma crítica das normatizações que estão envolvidas na construção de produtos comunicacionais sonoros. Nesta parte do trabalho iremos dialogar sobre o conceito de crítica, as possibilidades de se fazer uma metacrítica comunicacional, bem como esse processo possibilita que sujeitos despertem para um reconhecimento identitário através da ética necessária a se tecer uma crítica em formato de podcast antropofágico.

Para fazer uma compreensão sobre o exercício crítico é necessário compreender que este existe apenas referente a outro elemento que não ele mesmo, desempenhando um papel de policiamento das estruturas de poder ao tempo que não é capaz de, por si só, alterar esses alicerces. A crítica não refaz as leis, as morais, mas esta consegue apresentar diferentes possibilidades ao criticar determinadas práticas e marginaliza outras

Ressaltamos ainda que, por mais que apresente uma visão crítica às lógicas padronizadas que envolvem os objetos comunicacionais em áudio, não buscamos nos separar por completo destas, mas sim possibilitar uma alternativa, em múltiplos campos,

para sua constituição. Não é como um manifesto contra toda a forma padronizada de se construir podcast ou outros produtos sonoros, mas sim a delimitação e problematização de uma norma. A própria crítica mantém essa relação, como explica Butler, não se trata de torna-se totalmente ingovernável, mas de uma questão específica associada a uma relação de governança delimitada (2002).

Foucault (1990) sintetiza esses dois pensamentos a partir de duas perguntas que podemos colocar da seguinte forma: Como não ser governado? E como não ser governado assim? No que defende o autor, e posteriormente Butler, a atitude crítica refere-se à segunda pergunta. Questiona-se os princípios que formam a legitimidade de um governo, seus objetivos, procedimentos e agentes (BUTLER, 2002).

A atitude crítica é acionada neste quesito como maneira de dar limite, encontrar as medidas que cercam determinadas ações/verdades/governanças, buscando nesse exercício de mostrar os alicerces fundantes, deslocá-los e ampliá-los (FOUCAULT, 1990). Desta forma, ao pensarmos o que nos é imposto, o padrão na construção sonora, estamos desbravando o desconhecido, e conseqüentemente, construindo uma crítica ao oferecer uma possibilidade de criação diferente da vigente. Essa atitude crítica, no entanto, é algo que tem como fundamento a estilização do eu, ou seja, o posicionamento pessoal e individual de cada sujeito em relação ao consenso, as regras e preceitos (BUTLER, 2002).

Essa formação surge do embate entre o posicionamento único e individual e as regras vigentes. Quando se questiona alguns padrões estéticos na construção de produções sonoras normatizadas pela própria indústria e os toma como ponto de partida para uma narrativa alternativa, se estiliza a partir da experiência de quem produz, algumas regras pré-estabelecidas. Os sujeitos produtores, tendo como base suas experiências, estão colocando em ação a sua construção enquanto sujeitos sociais pertencentes a uma temporalidade delimitada que está exposta às normas vigentes. A partir de um posicionamento ético e de um processo crítico, conseguem subverter essas lógicas, oferecendo alternativas. É deste ponto de vista crítico que relaciona-se com a ética e a estética, que partimos para a constituição de um podcast antropofágico e seu processo de produção de subjetividade.

Retornamos, então, ao questionamento inicial, elaborado por Butler: “Quem posso ser em um mundo tal que os sentidos e limites de qualquer sujeito são estabelecidos de antemão?” (2002, p.171). Esse questionamento pode fazer com que os sujeitos tenham

uma atitude crítica em torno de oferecer novas possibilidades a própria comunicação, de forma que esta não se estanque diante de uma única normatização do fazer. Esta postura, por si só, não é capaz de reverter tais padrões, mas pode traçar os limites do regime vigente e colocar em questão a relação ética, estética e política.

A formação do “eu” está ligada a condições sociais e históricas e não pode ser compreendido separado destas. Como afirma Judith Butler (2002), as condições individuais surgem a partir de condições coletivas, ainda que como tentativa de negá-las. Estas são moralmente estabelecidas de forma que transcendem nossa existência. Logo, o papel do eu, enquanto ativo mediador entre o moralmente estabelecido e o eticamente construído é de tencionar a moral que o cria e a ética de seu sentido.

Podemos, então, questionar até que ponto nossos desejos, ainda que pessoais e individuais (e, às vezes, minoritários) são fruto de uma construção social? Ao buscar fazer um relato de si, o sujeito pode tentar alcançar, em um primeiro passo, a “si mesmo”, mas irá se deparar com a constatação de que está contemplado dentro de uma temporalidade social, e que esta afeta, inclusive a narrativa de si.

Se o “eu” não está de acordo com as normas morais isso quer dizer apenas que o sujeito deve deliberar sobre essas normas e que, a partir desta deliberação, ocasiona-se uma compreensão crítica se sua gênese social e de seu significado. Nesse sentido, a deliberação ética está fortemente interligada a operação crítica (BUTLER, 2015). Segundo Foucault (1990), são os códigos morais que definem os parâmetros para se refletir as condutas. A partir da moral, os sujeitos constituem a sua relação com esses e assim é criada a reflexividade. Essa construção da narrativa do eu acontece em um conjunto de normas e estruturas de poder que limitam o que será considerado uma formação inteligível do sujeito dentro de uma determinada temporalidade social.

Neste caso, a subversão, ou desassujeitamento é reflexo da relação do “eu” com a moral vigente. Para Foucault, a moral reorganiza um impulso criativo e a partir dela cria-se os termos para que se faça o relato de si. Este surge como uma negociação entre as estruturas de poder e a capacidade ética dos sujeitos em se apropriar dela. Neste espectro, a norma não produz o sujeito completamente, mas também não podemos considerar que este são livres para desprezar a norma, mas é capaz de fundar a reflexividade. A partir de então o sujeito luta invariavelmente com condições que não poderia ter escolhido, mas que lhe são dadas de antemão a sua existência (BUTLER, 2015).

Diante desta característica, pensar no movimento antropofágico como estilização para subverter as lógicas de uma produção em massa e oferecer a sujeitos seu desassujeitamento em um processo que a ética impulsiona um processo crítico, nos parece uma saída alternativa, especialmente se considerarmos o Brasil enquanto um “entre-lugar” que ressignifica a cultura estrangeira, que sempre esteve ligada a sua identidade, a partir de suas especificidades locais.

Nesta perspectiva, um podcast antropofágico pode desenhar-se como uma metacrítica, considerando esta como uma prática midiática alternativa que pode surgir com uma perspectiva crítica mais autônoma em relação às estruturas de uma indústria, de forma que as próprias construções desse meio se caracterizam como uma crítica, que ao mesmo tempo é passível de ser criticada (PAGANOTTI; SOARES, 2015).

Existem algumas discussões que problematizam justamente as relações metacríticas. Até que ponto estas realmente servem como uma crítica aos padrões da indústria e da sociedade e até onde estas, por falarem de dentro e terem uma relação de pertencimento e retroalimentação a um meio, não estariam contribuindo para a perpetuação de tais padrões? Se encararmos a partir da perspectiva de que a crítica busca dar os limites de poder presentes nas relações sociais, esta se faz ainda que o discurso esteja dentro da podosfera.

Ainda sim é necessário que se atente aos critérios que constituem uma metacrítica. Segundo Paganotti e Soares (2015), esta se constitui a partir de tais elementos: a) adoção de formatos e conteúdos que exponham histórias e pontos de vista alternativos; b) crítica aos limites impostos pelas representações midiáticas/fonográficas tradicionais; c) contestação de discursos reproduzidos como consensuais ou adotar novas propostas de linguagem em formatos que comumente não encontram caminhos nos meios tradicionais da indústria cultural.

No caso do podcast antropofágico, as três características se fazem presentes em sua constituição. Relatando especificamente o objeto deste estudo, o podcast trata-se de uma adaptação da obra literária “Macunaíma: herói sem caráter” de Mário de Andrade, que nunca antes fora atualizado para áudio, além de adotar um formato diferenciado na construção da narrativa sonora, seguindo os traços antropofágicos atualizados para o áudio. Esta construção ao se colocar dentro da podosfera com uma proposta alternativa, delimita o campo das normatizações, expandindo suas possibilidades, colocando-se assim como uma atividade crítica em torno da própria constituição de podcast. Tal proposta

difícilmente encontraria espaço dentro de um meio de áudio tradicional, como o rádio, em que as formas de consumo se dão de maneira massiva e simultânea. Isso não apenas enquadra a proposta na última definição dos autores, como também justifica a utilização de um podcast para esta construção estética alternativa.

Para compreender melhor o objeto de análise deste estudo e o próprio conceito de podcast antropofágico, faremos a seguir uma pequena introdução a antropofagia cultural de Oswald de Andrade e a rapsódia de Mário de Andrade, “Macunaíma: herói sem caráter”.

A ESTÉTICA ANTROPOFÁGICA NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

O movimento antropofágico, em síntese, trata de igualar a cultura brasileira as demais, não apenas rejeitando o que se origina de fora do país, como faziam algumas propostas anteriores dentro do modernismo, como o “movimento pau-Brasil”, mas ressignificando e recriando, a partir da arte estrangeira, o que fortalece o nacional/local. Além disso, trata a identidade latino-americana enquanto um “entre-lugar”, esse que não se expressa a partir de noções de pureza e unidade, como nos moldes europeus, e sim como um “espaço” de ressignificação e recriação (MELO, 2010). É uma metáfora da transculturação, em que se mastiga do estrangeiro apenas o útil e ao digerir, cria outra cultura híbrida, aberta a multiplicidades.

A antropofagia é entrelaçada ao significado de ser humano que se alimenta de partes ou de todo outro ser humano. Tem sua origem nos povos indígenas antropófagos que ao ingerir pedaços do corpo de um inimigo aprisionado, acreditavam estarem adquirindo suas habilidades. Não se comia qualquer coisa, nem de qualquer inimigo. Era necessário reconhecer qualidades no outro que vem de fora. Ao digeri-las, tornavam-se assim suas. Tornava-se mais forte (CUNHA, 2005).

O ritual antropofágico passou a ser um objeto de estudo da Antropologia, que começou a tratar seus simbolismos e significações. No campo das artes e literatura, seu início se deu quando o escritor Oswald de Andrade propôs um rompimento com o pensamento intelectual dominante no início do século XX. Motivados ainda pela tentativa de forjar uma identidade nacional depois da Proclamação da República, os estudos científicos e as produções artísticas eram fortemente influenciadas por correntes europeias, que em diversos momentos condenava a sociedade brasileira a uma inferioridade ou até mesmo um colapso devido a sua formação, especialmente a sua falta de unidade racial e étnica, visto que o Brasil seria fruto de uma miscigenação de três matrizes culturais

distintas: a europeia, legitimada como superior por um conjunto de estudos de áreas diversas do conhecimento, e matrizes africanas e indígenas, subordinadas à outra por não corresponderem aos parâmetros europeus (ATHIAS, 2007).

Em seu manifesto, Oswald resgata alguns preceitos previamente defendidos no Manifesto Pau-Brasil, como a necessidade da valorização da cultura nacional e busca por uma identidade cultural brasileira, porém ressalta agora a necessidade de assimilação do estrangeiro para a exportação da cultura do Brasil, com claras intenções de igualar esta a importância e influência que a europeia exercia no campo das artes (COUTO, 2009). Criando uma metáfora com os rituais indígenas antropofágicos, Oswald propunha que se devorasse, destroçasse e esmiuçasse a cultura estrangeira, de forma a assimilar suas qualidades, e a partir do ato de digeri-la, criar assim uma terceira e diferente cultura que incorporasse qualidades externas que agregassem valor (ANDRADE, 1995).

Era defendido também a exaltação do popular. Se na Europa havia um modelo, uma harmonia devido às proximidades de matrizes culturais e adoração ao conhecimento científico fruto do positivismo, em terras brasileiras a pretensão de valorização era voltada ao conhecimento intuitivo. Com isso, rompe com a ideia de se “consumir passivamente” a cultura europeia, enraizada no país do início do século XX, celebrando o canibal tupi por seu poder transformador, por sua capacidade de “criar instabilidade, o conflito, em vez de um resultado, uma conclusão ou síntese” (COUTO, 2009, p. 342).

Benedito Nunes (1979), em sua obra *Oswald Canibal* acrescenta que, na tentativa das vanguardas modernistas de resgatar o histórico brasileiro e buscar forjar uma identidade nacional, o “culto ao primitivismo” nos capacitaria a encontrar nas formulações artísticas estrangeiras, a mistura de ingenuidade e pureza, de rebeldia instintiva e de elaboração mítica que formavam o depósito psicológico e ético da cultura brasileira, tendo em vista seu próprio processo de colonização.

O Movimento Antropofágico, é uma das primeiras tentativas bem-sucedidas de estabelecer a América Latina como cultura pertencente a um paradigma de hibridização e não apenas de cópia inautêntica. Para a antropofagia não há um sentimento de inferioridade, o desajuste não é encarado como desvantagem e sim como possibilidade de traçar rumos históricos alternativos. Segundo Schwarz, esse seria o grande diferencial utópico do Brasil no “mapa da história contemporânea” (1987, p.38).

Silviano Santiago (1978) caracterizou a empreitada de Oswald como “sabotagem estratégica” da forma como os colonizadores europeus impunham seus códigos culturais

e sociais e a maneira como estes eram “inseridos” na América Latina. Segundo o autor, a maior contribuição para a sociedade ocidental moderna é a forma como instaurou-se aqui uma zona de entre-lugar, graças ao desvio da norma e suas características ativa e destruída dos padrões europeus imutáveis.

A metáfora da antropofagia pode constantemente remeter ao conceito de transculturação, e por vezes, ambos podem ser confundidos como sinônimos, no entanto, é importante ressaltar suas diferenças. O movimento antropofágico, por mais que represente de forma alegórica e metafórica a transculturação, é uma das diversas formas como o outro conceito se apresenta. Neste projeto tomamos como referência a definição empregada pelo escritor Fernando Ortiz (2002) em que define a transculturação como encontro de duas culturas que, entre ajustes e negociações, implicando em ganhos e perdas, formam uma terceira e nova cultura.

Se evocarmos a estética do movimento antropofágico, este se apresenta como uma forma alternativa de pensar o impacto dos padrões literários e artísticos propostos pelo estrangeiro. Inverte a polarização de padrões construídos e considera positivo os parâmetros anteriormente associados como negativos. Desse modo, tomamos a estética antropofágica para pensarmos as suas construções sonoras e a partir disso refletimos criticamente como esse movimento ético e estético se torna um artefato importante na produção de subjetividades capazes de se autorrealizar.

Mário de Andrade escreveu o livro “Macunaíma: herói sem caráter” a partir do mito de Macunaíma e de seus estudos antropológicos de diversas etnias brasileiras, baseados nos textos do etnógrafo Theodor Koch-Grünberg, dando vida a um personagem que se tornou referência para a compreensão do próprio brasileiro. Com deslocamentos geográficos constantes, temporalidade não cronológica e evidente hibridismo cultural encontramos um herói receptivo a aventuras, que aproximava-se, digeriu e engolia culturas, estilos, caracteres, culminando em seu fracasso pessoal. “Macunaíma é um romance sobre as origens de um povo que poderia ser e sobre o colapso de um povo que não conseguiu ser” (MELO, 2010, p. 206).

A rapsódia reelabora elementos mitológicos de diversos povos indígenas traçados a partir de visões folclóricas sobre a Amazônia e o Brasil. O herói dotado de poderes de criação e transformação é ao mesmo tempo nutridor por excelência e malicioso e pérfido. Em sua jornada sai em busca de forjar um caráter para si, digeri a cultura europeia e urbana quando vai para São Paulo, em contraste com o cotidiano dos trópicos, seu lugar

de origem. Enfatiza seu caráter “transculturador” durante o processo, e por fim, falha na empreitada ao se sentir não pertencente a nenhum lugar deste mundo (ANDRADE, 1995).

Mário de Andrade, quando lançou a obra, em 1929, tratou como infeliz a coincidência de datas com o lançamento do manifesto antropofágico. Nos anos que sucederam seus lançamentos o que ocorreu foi assimilação de ambos. Não apenas Oswald caracterizou a obra como antropofágica, como também boa parte das interpretações do romance (peças teatrais, filmes livros), assim como uma série de estudiosos da literatura e do modernismo o consideraram a partir da antropofagia. A lacuna entre a obra e a corrente se deu muito mais por uma disputa de poder simbólico dentro do modernismo do que uma desavença ideológica (SANTIAGO, 1978).

Entre as características que fazem de *Macunaíma* uma obra antropofágica, a primeira é a adesão ao primitivismo. O primitivismo, foi inicialmente adotado pelos padrões eurocêntricos como sinal de inferioridade dos povos colonizados por conta de sua organização social (MELO, 2010). Aquilo que era associado ao conceito foi considerado em muitos momentos como algo negativo, de menor complexidade e capacidade intelectual. A partir da proposta de Oswald, a adesão ao primitivo ganha um novo significado. Tornou-se assim um impulso para a criação artística de países em desenvolvimento e proporcionou uma guinada de perspectiva, considerando o defeito como qualidade, exemplo de identidade e originalidade (MELO, 2010).

Alfredo Melo (2010) quando propôs interpretar a obra de Mário de Andrade sob a perspectiva do movimento antropofágico, considerou a adesão ao primitivismo da literatura a forma como o autor recorria ao sobrenatural para explicar passagens do texto e para dar andamento a narrativa. Segundo o antropólogo francês Lucien Levy-Bruhl, os povos primitivos não conseguiam distinguir o sobrenatural do real, recorrendo ao misticismo para explicar e guiar acontecimentos do cotidiano. O autor afirma como Mário de Andrade utilizou o que seria desvantagem para criar uma das principais características da importante obra da literatura brasileira. Desta forma, o misticismo presente auxilia a narrativa em sua “desgeografização” das passagens, além de auxiliar no ritmo do enredo.

Outra característica em sintonia com o Manifesto Antropofágico é o constante consumo de identidades do herói, que ao longo da narrativa transforma-se em Bacharel, artista e, por vezes até em uma francesa ou em lindo príncipe. Assim como no movimento antropofágico, *Macunaíma* consome novas identidades, com o intuito de realizar seus

próprios fins (MELO, 2010). Consideremos a obra de Mário de Andrade a partir da metáfora antropofágica, especialmente por seu caráter transculturador, no qual se encaixa a metáfora da antropofagia.

Para analisar os traços antropofágicos no podcast, tomamos como ponto de partida a estética da linguagem sonora. Partindo da adesão ao primitivismo, podemos considerar a matriz sonora com base em três elementos: música, efeito sonoro e voz. Estes correspondem a três categorias definidas por Pierce e sua semiótica: não-representativo, figurativo e representativo (CARVALHO, 2007).

O não-representativo tem como predominância a música e suas propriedades, tais como a melodia, a harmonia, o ritmo, o timbre. O figurativo é onde encontram-se os efeitos sonoros ou som ambiente, estes têm como objetivo construir signos referentes a um objeto concreto, como passos, barulhos de chuva, que fazem referência a concretude da chuva e de uma pessoa caminhando. O representativo por sua vez tem como predominância a voz, estas inserem-se em um universo híbrido composto pela linguagem oral e verbal. São formas representativas convencionadas através da língua (CARVALHO, 2007).

Assim como existem três categorias sonoras, também existem três formas de ouvi-las. A primeira trata-se de “ouvir com o corpo, quase não pensar”, remete as sensações que são transmitidas através do som, deixando o ouvinte absorto nas sensações. O segundo nível está ligado ao caráter situacional, ou a forma como a música se relaciona ou cria um contexto, trata-se também de um ouvir como adjetivo, como triste e alegre, e nesta perspectiva desloca a audição primária dos sentidos para os sentimentos. O terceiro nível é a racionalização do ouvir, se o primeiro é um quase não pensar, este exige convenções feita pelo intelecto humano, como associar a repetição de determinado tema para uma situação, um personagem, ou até mesmo a um podcast (CARVALHO, 2007).

Em relação a adesão ao primitivismo na esfera da música, enquanto matriz sonora, o foco de um podcast antropofágico poderia se desenvolver a partir a noção primeira de se ouvir, aquele que lhe remete sensações. Criar um programa cuja trilha sonora faz o ouvinte ter uma experiência de percepção a partir dos sentidos de seu corpo pode se constituir como uma importante ferramenta de experiência sensorial. A escolha da vibração correta possibilitaria, também, uma interpretação para além do óbvio e do coeso, abrindo margens a interpretações variadas e novas descobertas de transmitir uma mensagem a partir do corpo. Defendemos que não se ignore as demais constituições do

ouvir musical, mas tendo como base a metáfora antropofágica, o foco está na sensação. Este tende a ser grande diferencial para a podosfera nacional, além de uma forma de envolver o público.

Tomamos como exemplo de construção de sentido da proposta de podcast antropofágico a produção do Podcasting Macunaíma, adaptação do livro para a linguagem sonora. A abertura de seu primeiro episódio é composta por tambores cuja a intenção é relacionar com a narrativa de apresentação do personagem, que nasceu no fundo do mato- virgem e tem em sua sonoridade a intenção de dar a sensação de imersão local para o ouvinte. Essa busca se caracteriza na adesão ao primitivismo, visto que esse uso não faz nenhuma referência com a concretude do cenário, mas é utilizado para construir sensações na audiência e não representar uma realidade.

A busca por elementos sonoros do primeiro nível constitui-se na aproximação entre o fazer podcast e o movimento antropofágico. As características primárias de execução de áudio foram inferiorizadas para tornar a experiência sensorial auditiva coesa, buscando a realidade, o que a consolidou como monótona e previsível. Subverter essas lógicas e apostar em pilares primários (ou primitivos) na execução de podcast possibilita reverter esse padrão, aproximando-se assim do movimento antropofágico.

A adesão ao primitivismo também pode ser representada por uma constatação feita em estudos de podcast: A maioria dos podcasts brasileiros surgem por iniciativa pessoais e para se produzir um material deste tipo não é necessário um conhecimento avançado, nem altos investimentos (VANASSI, 2007). Retomando o conceito do primitivismo como relacionado a ingenuidade a um formato “primitivo”, aproximá-lo da antropofagia cultural é possível, pois esta sugere a inversão de papéis daquilo que outrora é considerado como padrão superior, considerando que o Brasil se apresenta na “podosfera” como espaço dominado predominantemente por “amadores”. Essa relação e facilidade entre quem produz podcast brasileiros também nos permite ressaltar outras características fundamentais da antropofagia, entre elas a exaltação do nacional e o entrelugar da América Latina.

Segundo Luiz (et al., 2010) o podcast tornou-se uma importante ferramenta de comunicação para setores marginalizados socialmente, servindo como um espaço para “militância” na defesa de seus direitos. Isso reflete a penetração e relevância desta mídia no contexto local/nacional de suas produções e sua influência na esfera social brasileira.

Tal pensamento permite diálogo com o movimento antropofágico, uma vez que, ao ressaltar características de determinadas populações marginalizadas pela mídia tradicional, as iniciativas de podcast “amadoras”, conseguem, através da técnica, exaltar elementos nacionais/locais das produções, além de conciliar o conteúdo com a possibilidade de utilizarem uma linguagem própria para se comunicarem com seu público alvo, um público de nicho, realçando um traço próprio do formato.

Ainda sobre o Podcasting Macunaíma, essa exaltação de produções nacionais pode ser exemplificada no uso da ópera de Camargo Guarnieri “Dança brasileira”, utilizada na passagem do primeiro episódio da série, no momento em que são narradas as aventuras da infância de Macunaíma. A construção sonora em tom alegre faz alusão a uma passagem rápida e divertida. A obra de Camargo Guarnieri é contemporânea a Mário de Andrade e sua utilização se dá em um ganho para a produção do podcast e também uma forma de divulgação de seu próprio trabalho.

O uso de uma ópera brasileira, composta por um brasileiro, mas que ainda tem influência em sua composição na tradição musical europeia reforça outra característica do movimento antropofágico presente na adaptação do livro Macunaíma: o espaço da América Latina como zona de entre-lugar. Perde-se uma noção nortista de pureza e unidade, para se constituir uma nova lógica que transfigura elementos e nos possibilita novas compreensões e adaptações da cultura estrangeira (SANTIAGO, 2000). Desta forma, ela não deixa de existir ou ser apropriada em solo nacional, mas é feita de maneira deglutida e aglutinada a partir de traços nacionais/locais. É pensar em como a técnica auxilia no processo de compreensão de identidades brasileiras e não apenas a utilização de uma ópera estrangeira sem uma ressignificação nacional.

Está presente nesta análise também a quarta característica do movimento antropofágico interpretado nesta atualização, o constante consumo de identidades, uma vez que influências externas são utilizadas em sua construção. Não se nega o estrangeiro na composição estética, porém o foco é em como este é incorporado à narrativa. Como é utilizado para reforçar elementos sensoriais de primeiridade e como estes estão a serviço de uma valorização do nacional e de sua produção, quando se analisa o conjunto da adaptação. No primeiro episódio da série de Podcasting Macunaíma, é utilizado o instrumental de uma música da cantora estrangeira Rihanna, intitulada Drunk In Love, suas batidas fazem referência a paixão e sensualidade ligadas ao contexto da história em que Sofará e Macunaíma começam a se relacionar às escondidas.

CONSIDERAÇÕES PARA UMA CRÍTICA AOS PADRÕES DE PRODUÇÕES SONORAS

O podcast no formato como conhecemos além de permitirem autorrepresentações múltiplas em um espaço de comunicação emergente, as facilidades na produção possibilitam que recursos diversos sejam utilizados na construção de podcast, e com isso, na formação de subjetividades acionadas a partir da linguagem sonora. O podcast em sua concepção ofereceu uma crítica enquanto as normatizações e formas de acesso a produções sonoras, com isso há não apenas múltiplas formas de se acessar conteúdos, mas também de produzi-los. Nosso estudo com o podcast antropofágico busca a reflexão crítica sobre a estética de tais produções sonoras. Seria o podcast antropofágico um exercício para pensar alternativas de construções no próprio meio? E ao fazer isso, como podemos observar a atualização do movimento antropofágico? Se pegarmos uma das maiores obras da antropofagia cultural e transformá-la em podcast estaríamos assim atualizando o próprio movimento, ou teríamos que pensar em como atualizar os traços característicos do movimento de forma que estes dialoguem com o áudio?

Compreender a atualização do movimento antropofágico, a partir de sua virtualidade, para a linguagem sonora possibilita diferentes interpretações e trajetórias no processo cartográfico da pesquisa. A atualização não encerra o objeto de pesquisa em uma simples questão de “ser” ou “não ser”, ou seja, não limitamos o podcast a constatações em torno de suas diferentes produções de subjetividades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropofágico**. Em *A Utopia Antropofágica*. 2 ed. Por O. de Andrade. São Paulo: Editora Globo, 1995. 47-52.

ATHIAS, Renato. 2007. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira**: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira. Recife: Ed. UFPE.

BUTLER, Judith. **O que é crítica?** Um ensaio sobre a virtude de Foucault In: INGRAM, David (ed.). *The Political: Readings in Continental Philosophy*. Londres: Basil Blackwell, 2002.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. 1ª ed. Autêntica editora. Belo Horizonte. 2015.

CARVALHO, Marcia. **A Trilha Sonora do Cinema**: Proposta para um “ouvir” analítico. *Caligrama: Revista de Estudos Revista de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Mídia*. V.3, N.1. USP: São Paulo. 2007.

COUTO, Maria de Fátima Morethy. **Tupy or not Tupy**: Antropofagia hoje. *Anais do XXIX Colóquio CBHA*. 29. 2009. Espírito Santo. Anais... Rio de Janeiro. Comitê Brasileiro de História e Arte. 2009. 340-348.

CUNHA, Manuela Carneio da. **A antropofagia e seus malentendidos**. Os tupis do Brasil – por Manuela Carneio da Cunha. Parte 01. 2005. 3 min, son., color., Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qC-peR2LKOm&feature=youtu.be>.

DELEUZE, Gilles. **Bergsionismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Qu'est-ce que la critique?** Critique et Aufklärung Bulletin de la société française de philosophie, Vol. 82, n°2, pp.35-65. Tradução de Gabriela Latefá Borges. 1990.

GALLEGO PÉREZ, Juan Ignacio. Podcasting: Distribución de contenidos sonoros y nuevas formas de negocio en la empresa radiofónica española. España: Universidad Complutense de Madrid, 2010. Disponível em . Acesso em: 20 de junho de 2018.

JÚNIOR, Lourival da Cruz Galvão. **Sensorialidade e Discurso**: Elementos de Interface Educomunicacional. Jinter - Interdisciplinary Journal, [S.l.], v. 1, n. 1, dez. 2017.

LUIZ, Lúcio. ASSIS; Pablo de. SALVES, Déborah; GUANABARA, Gustavo. **O podcast no Brasil e no mundo**: democracia, comunicação e tecnologia. Anais do IV Simpósio Nacional ABCiber. ECO/UFRJ. 2010.

MELO, Alfredo Cesar. **Macunaíma**: entre a crítica e o elogio á transculturação. Hispanic Review, volume 78, number 2, Spring 2010, pp.205-227.

PAGANOTTI, Ivan. SOARES, Rosana de Lima. **Metacrítica midiática**: reflexões e reflexos das imagens em Black Mirror. In: Por uma crítica do visível. 1ª edição. Kriticos: São Paulo, 2015.

SAMPAIO, Amanda Brinto. COSTA, Carolina da Silva. MONTEIRO, Everson Umada. **Convergências midiáticas do cibermeio brainstorm9**: uma análise das interfaces télicas youtube, podcast e digital móvel. Anais do XI Simpósio Internacional de Ciberjornalismo. UFMS. Campo Grande: Mato Grosso do Sul. 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Por uma classificação da linguagem visual**. In: Face 2 (I). São Paulo: Educ, 1989.

SANTIAGO, Silviano. **Nas Malhas da Letra**. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In: Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.16. (1ª. Edição 1978).

SCHAWARZ, Roberto. **Nacional Por Subtração**. Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.37-38.

OLIVEIRA, PAULA CRISTINA JANAY ALVES DE. **“A NOVA ERA DE OURO DO RÁDIO?”**: Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros”. Mestrado em COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador. 2018.

VANASSI, G.C. **Podcasting como um processo midiático interativo**. Monografia. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.